

EDUCAÇÃO MÉDICA E AUDIOVISUAL: SENTIDOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES SOBRE UM VÍDEO EDUCATIVO DE ATENÇÃO À SAÚDE

MEDICAL EDUCATION AND AUDIOVISUAL: MEANINGS PRODUCED BY STUDENTS ABOUT A HEALTH CARE EDUCATIONAL VIDEO

Américo de Araujo Pastor Junior¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES
americoapj@gmail.com

Luiz Augusto de Coimbra Rezende Filho²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES
luizrezende.ufrj@gmail.com

Wagner Gonçalves Bastos

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES
wgnutes@gmail.com

Financiamento: (1) CAPES, (2) FAPERJ.

Resumo

Neste estudo analisamos a produção e a recepção do vídeo *Encontro Clínico*, a fim de compreender que sentidos foram produzidos por alunos da disciplina Psicologia Médica, ao assisti-lo. Para atingir esse objetivo o vídeo foi analisado, seus produtores foram entrevistados e foi feita uma exibição a estudantes de Medicina, seguida de um grupo de discussão. O referencial teórico adotado foi extraído dos estudos de recepção midiática desenvolvidos por Hall e Schrøder. O estudo da produção mostrou que o vídeo foi destinado a estudantes e profissionais de Medicina, e que o objetivo central era provocar reflexões acerca da importância do saber psicológico na produção de um atendimento médico mais humano e integral. O estudo da recepção mostrou que os espectadores compreenderam e refletiram sobre os temas pretendidos pelos produtores, mas encontraram dificuldade em aderir à perspectiva defendida pelo vídeo, principalmente por conta dos obstáculos estéticos e dicotomias.

Palavras-chave: vídeo educativo, estudo de recepção, educação médica.

Abstract

This paper analyzes the production and the reception of an educational video, named *Encontro Clínico (Clinical Encounter)*. We intended to understand which meanings are produced by medical school students, seeking to make correlations with the intentions and expectations of the video producers. The video was analyzed, the producers were interviewed and an experimental exhibition followed by a discussion group with students was made. As

theoretical framework were adopted the works of Hall and Schröder on media reception research. The study of the production showed that the video was mainly addressed to medical students. It was expected to induce reflections about the importance of psychological knowledge in producing a more humane and integral medical care. The reception study revealed that spectators understood and reflected about the themes intended by producers, but found it difficult to adhere to the approach constructed in the video, mainly because of aesthetic obstacles and dichotomies.

Key words: educational video, reception studies, medical education.

Introdução

Nos últimos 30 anos a Educação Médica no Brasil passou por mudanças curriculares e em seus conteúdos e estratégias pedagógicas. Um dos principais motivos dessas mudanças foram as críticas à ênfase nos saberes biomédicos em detrimento dos que tomam o homem em sua complexidade biopsicossocial. Nesse movimento ganhou destaque a disciplina Psicologia Médica, em que se volta à conscientização de estudantes de medicina para a complexidade de seu atendimento que envolve as dimensões biopsicossociais dos pacientes.

De acordo com Santos & Westphal (1999) e Pagliosa & Da Ros (2008), a formação médica de ênfase biomédica privilegia as abordagens positivistas da ciência, e valoriza principalmente o estudo de fenômenos observáveis, mensuráveis e reproduzíveis. Isso resulta na difusão de uma prática médica desumanizada, pois prioriza abordagens mecanicistas, tecnologicizadas, extremamente biologicizadas, descontextualizadas, e não toma o ser humano em sua complexidade, que extrapola os aspectos meramente biológicos da existência humana. As críticas a esse modelo foram intensificadas na década de 1960 e, de certa forma, perduram atualmente.

Como resposta a essa formação pouco problematizada da prática médica, a partir de 1970, surgem, em diferentes setores voltados às políticas e práticas de saúde, mobilizações com um objetivo comum de reorientação das práticas médicas. Segundo Medeiros (2012), nas universidades brasileiras (principalmente nas universidades públicas do Rio de Janeiro), entre diversas discussões e produções, essa mobilização deu origem à disciplina Psicologia Médica nos currículos médicos.

A partir de um levantamento das publicações voltadas a essa disciplina, em nosso estudo anterior (PASTOR JUNIOR, 2012), chegamos à percepção de que essa disciplina, de um modo geral, busca provocar a tomada de consciência para o campo dinâmico e complexo das relações inerentes à prática médica, à compreensão das dimensões subjetivas e históricas da vida do paciente. Por meio dessa disciplina se objetiva promover a ascensão do pensar biopsicossocial, complementar ao biológico, conscientizando os futuros médicos para a complexidade do campo de sua atuação, para as determinantes sociais de sua atividade, e para a importância de uma relação médico-paciente humanizada e integral.

No contexto da constituição histórica dessa disciplina, muito brevemente apresentada nos parágrafos anteriores, uma das estratégias pedagógicas que foi adotada com certa frequência foi a produção de vídeos educativos e a exibição para os seus estudantes. Tal prática se deu principalmente no curso de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), geralmente em parceria com instituições e setores da Universidade voltados à produção de materiais didáticos. Em análise apresentada em Pastor Junior et al. (2012), podem-se observar algumas tendências dessas produções que seriam, principalmente, a dramatização de situações cotidianas da prática médica, tendo em vista provocar a subsequente discussão entre os grupos

de espectadores. Em outras palavras, esses vídeos, de forma geral, pretendiam problematizar a prática médica por meio da dramatização de situações recorrentes no cotidiano. Tal estratégia pedagógica que se voltava a discutir questões de extrema relevância para essa almejada reorientação da formação médica, apesar de problematizar a prática médica, nem sempre era ancorada numa perspectiva problematizada da dinâmica comunicacional que envolve professores, estudantes, produtores dos vídeos e os próprios vídeos enquanto discursos dotados de sentidos e significados. Se por um lado a disciplina problematizava a formação médica, a produção e o uso dos vídeos nem sempre eram suficientemente problematizados. Em muitos casos a expectativa era de que os vídeos atuassem como estímulos capazes de provocar a discussão de temas pré-selecionados, e que os estudantes/espectadores voltassem passivamente a discutir. Assim, se na temática da disciplina buscava-se inserir o homem em sua complexidade, nas estratégias e metodologias aplicadas no contexto de ensino-aprendizagem o homem nem sempre era considerado nessa complexidade, reduzindo-se muitas vezes a mero organismo que produziria respostas a dados estímulos, que frequentemente se buscava que esses vídeos fossem, estímulos para a mudança de comportamento.

Esse tipo de concepção que conforma diversos tipos de usos “desproblematizados” dos vídeos em contextos educativos, já vem sendo questionado há bastante tempo. Em trabalho publicado em 1974, Sol Worth já destacava que os usos educativos de filmes são frequentemente coloridos pelos entendimentos destes como arte, propaganda, comunicação e sobre seus supostos efeitos junto à sociedade. Estes tipos de entendimentos e usos se convertem em crenças que são tomadas como pressupostos de pesquisas realizadas com vídeos em contextos educacionais e que ainda podem ser facilmente encontrar em publicações bastante atuais. Os dois principais tipos de pressupostos destacados pelo autor seriam: (1) a ideia de *linguagem universal* conferida aos filmes/vídeos (que poderiam comunicar para pessoas de diferentes culturas, idades e gêneros), e (2) a suposta *primazia psicológica e social* que as imagens teriam sobre as palavras por serem compreendidas como uma forma de pensamento visual (bastante comum em expressões como "uma imagem vale mais do que mil palavras").

Outro ponto que pode trazer maior complexidade a essa discussão diz respeito ao papel que ocupam os espectadores nessa dinâmica comunicacional. Boa parte dos estudos e dos usos educativos de vídeos pressupõe uma passividade dos alunos espectadores diante dos discursos audiovisuais, cabendo a estes espectadores a simples aceitação e passiva recepção dos conteúdos transmitidos pelos vídeos. Na esfera mais ampla dos estudos de sociologia e de comunicação, Stuart Hall (2003) se volta a criticar a compreensão do modelo tradicional de comunicação sobre as relações de poder entre emissores e receptores/espectadores. Hall critica esse modelo, de viés positivista e behaviorista, por tratar a comunicação como um processo unilinear e unidirecional, com foco na transmissão da mensagem, tomando os espectadores como necessariamente passivos em relação às mensagens construídas pelo produtores/emissores. Sob essa perspectiva as características das mensagens prescreveriam os efeitos que seriam produzidos na audiência.

Diante das questões acima abordadas, o presente trabalho teve como objetivo analisar a produção e a recepção do vídeo de Psicologia Médica *Encontro Clínico* (1976), buscando entender os sentidos produzidos por seus espectadores, e correlacioná-los com os objetivos, intenções e expectativas dos produtores. O vídeo foi produzido pelo NUTES/UFRJ e por professores de medicina, e apresenta a história de um jovem médico que busca a ajuda de um psiquiatra por não entender as queixas de sua paciente, que a seu ver já estava recebendo o tratamento adequado. Ela se queixa e se sente angustiada por receber alta, mesmo não tendo sido atendida completamente em suas reclamações. O desencontro entre médico e paciente é o

foco desse vídeo (disponível em <http://youtu.be/t6ZFKbWuNAo>).

Quadro teórico-metodológico

Alguns argumentos comumente presentes em trabalhos que se voltam aos usos dos vídeos na educação afirmam que a narrativa fílmica pode permitir a percepção crítica da sociedade (HODGE e KRESS, 1988), que os vídeos podem despertar e reforçar o interesse de alunos (FERRÉS, 1996), a curiosidade e motivação para novos temas, por transportarem fatos cotidianos para a sala de aula, que permitem um canal privilegiado de acesso aos níveis cognitivo, afetivo e da ação e aos códigos de comunicação de modo geral (ARROIO e GIORDAN, 2004, 2005 e 2006), ou ainda, que a educação por meio do cinema suscita a reflexão sobre valores e atitudes como forma de sensibilização para ensinamentos posteriores (BLASCO *et al* 2005). Transparece, nesses exemplos, de certa forma, uma visão pouco problematizada da comunicação, marcadamente unilinear, unidimensional, que toma os espectadores como sujeitos passivos, e seus pressupostos podem ser enquadrados nos grupos daqueles criticados por Sol Worth.

Hall (2003) critica essa suposta passividade da audiência, e defende que os espectadores são necessariamente ativos na dinâmica comunicacional, ou seja, também são produtores dos sentidos que uma dada mensagem poderia ter. Diante disso, Hall constrói seu modelo a partir da crítica e da complexificação do modelo tradicional de comunicação, que trata a comunicação como unidirecional, com foco na transmissão da mensagem, tomando os espectadores como passivos em relação às mensagens construídas por emissores. Hall propõe pensá-la como um processo circular, em que emissores e receptores produzem sentidos ativamente, influenciados por seu alinhamento ideológico. Para Hall (2003) e Morley (1996), antes de produzir efeito uma mensagem precisa ser decodificada, e esta *decodificação* é feita sob referências de conhecimento, ideologia e cultura que são quase sempre diferentes dos referenciais utilizados na *codificação*. Nesse ponto, a *decodificação* deixa de ser compreendida como se ocorresse sob os mesmos códigos e referenciais do produtor da mensagem, e assim a mensagem enquanto estímulo poderia ser decodificada de diferentes maneiras, dando forma a diversas respostas.

Hall chama de *significado preferencial* o sentido que os produtores preferem quando produzem uma mensagem, e entende que apesar de não prescrever a leitura, o *significado preferencial* pode estabelecer limites às leituras produzidas pelos espectadores. Morley (1996) acrescenta que os produtores também preferem um público específico quando produzem uma mensagem. A esta preferência chamou de *destinação*.

Schrøder (2000), indo além dos aspectos ideológicos do modelo de Hall, desenvolveu o *Modelo Multidimensional*, trabalhando com diferentes dimensões subjetivas e objetivas de leitura e implicação das leituras, que é constituído por seis dimensões de recepção: quatro de leitura (motivação, compreensão, discriminação e posição) e duas de implicação (avaliação e implementação).

Neste estudo analisamos as dimensões de *compreensão*, *discriminação* e *posição*. A *compreensão* diz respeito à forma como os espectadores entendem o vídeo, sob influência dos contextos micro e macrosociais, e suas posições de leitura vão da divergência (polissemia total) à convergência (monossemia total). Já a *discriminação* refere-se a como podem adotar uma posição mais ou menos esteticamente crítica frente ao vídeo (*imersão*), e como e quanto uma leitura está caracterizada pelo nível de consciência sobre o caráter de construção e de artifício do texto audiovisual (*distanciamento*). Esta dimensão compreende dois eixos paralelos: um vai da não imersão à imersão total e o outro do não distanciamento ao

distanciamento total. A dimensão *posição* refere-se ao posicionamento ideológico em relação ao sentido que compreendem da mensagem, e suas posições de leitura se alternam entre a aceitação (concordância) e a rejeição (discordância).

Assim, baseados em Schrøder (2007), propusemos um estudo que considerasse os diferentes processos objetivos e subjetivos por meio dos quais emissores e receptores produzem sentidos, alicerçado principalmente nos conceitos de *significado preferencial*, *destinação*, e em três dimensões de leitura – *compreensão*, *discriminação* e *posição*. Para tanto, realizamos uma análise fílmica do vídeo que identificasse aspectos de sua construção dramatúrgica, entrevistamos o produtor para identificar suas intenções e expectativas, para inferir o *significado preferencial* e a *destinação* pretendida. Em seguida, fizemos uma exibição para um grupo de estudantes de medicina de uma universidade pública do Rio de Janeiro, seguida de discussão (semiestruturada) para caracterizar suas leituras de acordo com as *dimensões* selecionadas. Esses estudantes estavam no sexto semestre do curso, matriculados na disciplina Psicologia Médica, e nos últimos meses já haviam tido um contato mais intenso com pacientes, em conversas, entretanto, sem os atender. Para análise das transcrições do grupo de discussão foi utilizada a análise de conteúdo temática de Bardin (2009).

Resultados

Análise da Produção

Na entrevista com o produtor identificamos que a expectativa seria que o vídeo estimulasse a reflexão sobre a importância da construção de uma relação médico-paciente calcada no diálogo, permitindo o verdadeiro encontro entre eles. Na análise do vídeo identificamos que ele constrói a imagem de um médico que, apesar de aparentemente interessado e atento às necessidades da paciente, a vê de forma incompleta por não valorizar suas subjetividades. É exatamente a voz do psiquiatra, que aconselha o clínico, que personifica a voz do saber psicológico que, por sua vez, mostrará ao clínico os aspectos do tratamento que ele não valorizou ou praticou. A voz do saber psicológico é a perspectiva mais privilegiada e dominante na narrativa.

Diante disso, inferimos que o *significado preferencial* seria destacar que, durante o atendimento, todo médico deve ouvir e considerar os seus pacientes em sua história, buscando olhar para além da dimensão biológica, estendendo-se à complexidade biopsicossocial da experiência de adoecimento. O objetivo pedagógico do vídeo é provocar reflexões nos estudantes espectadores, que possam ser concretizadas na mudança de atitudes desses futuros médicos, aos quais o vídeo é principalmente *destinado*. Além de afirmado pelo produtor do vídeo, isso foi notado pela presença de personagens e temas médicos, uso de um vocabulário próprio, indumentária, cenário, e de questões e situações supostamente presentes no cotidiano da prática médica.

Análise da Recepção

Solicitamos aos estudantes que relatassem de que se tratava o vídeo e quais seriam seus aspectos centrais. Nas respostas os temas mais frequentes foram reflexões sobre a relação médico paciente e sua relevância quando mais humanizada. A maior parte dos espectadores destacou a importância do preparo dos profissionais da área médica para o desempenho de uma relação médico paciente que valorizasse integralmente os aspectos subjetivos dos pacientes, presentes no ato de uma consulta. Apesar de julgarem o atendimento humanizado importante, absolveram o personagem do clínico, por acreditarem que ele seria apenas despreparado, inexperiente, mas bem intencionado e interessado. Afirmaram que apesar de

presente na universidade, a discussão dos aspectos humanos inerentes à prática médica é pequena, o que limitaria sua prática futura. Esses argumentos apontam para uma leitura que tendeu a ser *convergente* aos temas que compõem o *significado preferencial* na dimensão *compreensão*. A principal observação feita pelos estudantes foi a má formação do médico, mas não o responsabilizaram por sua limitação na relação médico paciente.

Questionados sobre se as situações apresentadas no vídeo refletiriam a realidade da prática médica, com exceção de um estudante, todos concordaram que o que é apresentado no vídeo representa essa realidade. Apesar de se mostrarem conscientes das construções feitas no vídeo, que exageram uma determinada perspectiva, tenderam a aproximar as cenas dramatizadas à realidade cotidiana. Por outro lado, os estudantes tiveram muita resistência ao que eles entenderam como excessiva estereotipação dos personagens, o que segundo eles só atuou no sentido de aumentar a imagem de dicotomia entre as duas especialidades médicas (clínica e psiquiatria), e também resistiram a alguns recursos estéticos datados, como cenários, indumentária, som e qualidade da imagem, devido à época de produção do vídeo. Isso nos permitiu concluir que, em um dos eixos, as leituras na dimensão *discriminação* foram *negociadas*. Os espectadores consideraram a situação do atendimento próxima a realidade, mas consideraram as atitudes e a caracterização dos personagens como *distanciadas* da realidade tal como esses espectadores a entendem. Isto também nos possibilita caracterizar às leituras na dimensão *discriminação* como de *não imersão*. Apesar de acreditarem se tratar de uma situação comum e possível na prática médica, os espectadores não "entraram" no universo da narrativa e se mantiveram conscientes do caráter de construção do vídeo. Isso ocorreu por conta do modo como foram empregados alguns recursos estéticos e de como a história foi apresentada.

Arguidos sobre o que achavam das atitudes dos personagens e se havia identificação com algum deles, afirmaram não concordar completamente com nenhum dos personagens e se identificaram majoritariamente com o médico clínico. Essa identificação já havia aparecido, quando ponderaram não ser por vontade dele, mas por falta de preparação, que não havia conseguido desempenhar uma satisfatória relação médico paciente. A identificação com o psiquiatra ainda foi menor que a identificação com a paciente. Também destacaram a responsabilidade da paciente nesse tratamento (pela carência emocional), as influências do contexto de atendimento e a dinâmica de trabalho, que nem sempre possibilitam ao médico as condições necessárias para melhor se dedicar a ouvir os pacientes. O psiquiatra foi criticado por adotar uma postura de superioridade intelectual e não atuar no atendimento direto aos pacientes. Concluímos que os espectadores concordam com a importância dos saberes da psicologia para tornar a relação médico paciente mais humana, mas afirmam que isso é causado por uma limitação de condições e de formação, terminando por se identificarem mais com o clínico, revelando uma leitura *negociada* na dimensão de *posição*. Concordaram com os argumentos do psiquiatra, mas se encaixaram melhor na figura do clínico, cuja perspectiva não é dominante no significado preferencial do vídeo.

Considerações Finais

Os resultados nos permitiram concluir que o vídeo foi construído sob a expectativa de abordar estudantes de medicina e médicos, enquanto espectadores, com o objetivo de provocar reflexões sobre a importância do saber psicológico na prática médica, pautando uma relação médico paciente mais humana e integral. Os espectadores deste estudo compreenderam os temas pretendidos pelos produtores, estiveram conscientes das construções que conformaram o vídeo, por raros momentos imergiram no universo fílmico apresentado e negociaram seu posicionamento ideológico em relação ao construído no vídeo. Isso demandou uma intensa

atividade de reflexão, crítica e reconstrução do texto fílmico apresentado. Diferentemente do esperado quando foi produzido, o vídeo parece não ter apresentado algo novo, já que as discussões que ele propõe já haviam surgido no currículo médico em outras disciplinas. O uso dos recursos estéticos e a forma como os personagens foram construídos foram obstáculos a uma maior adesão às perspectivas propostas pelos produtores. Entretanto o objetivo pedagógico de provocar reflexão foi alcançado.

Esse estudo, envolvendo um vídeo produzido e exibido no contexto da formação médica, confirma o caráter ativo do espectador em sala de aula, uma vez que os alunos se mostraram críticos e reflexivos sobre o que lhes foi exibido, posicionando-se de formas variadas em relação às situações apresentadas no vídeo. Da mesma forma, este estudo trouxe alguns dados importantes para entender melhor como espectadores reais produzem sentidos a partir de suas experiências no contexto educacional e como vídeos podem ser melhor utilizados para estes fins.

Referências

- ARROIO, A.; GIORDAN, M. O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino. *Química Nova na Escola*, n. 24, p. 8-11, nov. 2006.
- ARROIO, A.; DINIZ, ML; GIORDAN, M. *A utilização do vídeo educativo como possibilidade de domínio da linguagem audiovisual pelo professor de ciências*. V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Atas do V ENPEC, 2005.
- ARROIO, A.; GIORDAN, M. *O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino*. *Química Nova na Escola*, v. 24, 2004. 8-11 p.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: *Edições 70, LDA*. 2009.
- BLASCO, P.; GALLIAN, D.; RONCOLETTA, A.; MORETO, G. Cinema para o estudante de medicina: um recurso afetivo/efetivo na educação humanística. *Rev. bras. educ. med.* Rio de Janeiro, v. 29(2), 2005.
- EKSTERMAN, A. Encontro Clínico. 1976. Disponível em: <http://youtu.be/t6ZFKbWuNAo>
- FERRÉS, J. *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2ed., 1996.
- HALL, S. (2003) Reflexões sobre o modelo de Codificação/Decodificação (entrevista com Stuart Hall), in *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG.
- HODGE, R. e KRESS, G. *Social semiotics*. Ithaca, NY: Cornell Univ. Press, 1988.
- MEDEIROS, J. G. Fundamentos da Psicologia Médica: Histórico e Fundamentação. In: BRASIL, A. (Org). *Psicologia Médica: A Dimensão Psicossocial da Prática Médica*. Rio de Janeiro: Gruanabara Koogan, 2012. p. 3-12..
- MORLEY, D. Interpretar televisión: la audiencia de Nationwide, in MORLEY, D. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- PAGLIOSA, Fernando Luiz and DA ROS, Marco Aurélio. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. *Rev. bras. educ. med.* [online]. vol.32, n.4, pp. 492-499, 2008.
- PASTOR JUNIOR, A. A. *RECEPÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO MÉDICA: leituras de um vídeo de Psicologia Médica*. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde). Núcleo de Tecnologia Educacional para Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PASTOR JUNIOR, A. A.; REZENDE FILHO, L. A.; GONÇALVES, W. Recepção Audiovisual da Educação Médica: Leituras de um Vídeo de Psicologia Médica por Estudantes de Medicina. *Rev. bras. educ. med.* Rio de Janeiro, v. 36(4), 2012.

SANTOS, J. L. F. & WESTPHAL, M. F. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 13, n. 35, Apr, 1999.

SCHRØDER, K. C. Making sense of audience discourses: towards a multidimensional model of mass media reception. *European Journal of Cultural Studies*, 3(2), pp.233-258, 2000.

SCHRØDER, K. C. Media Discourse Analysis: Researching Cultural Meanings from Inception to Reception. *Textual Cultures: Texts, Contexts, Interpretation*, v.2, n.2, p.77-99, 2007.

WORTH, S. The Uses of Film in Education and Communication. In: Larry Gross (ed.). *Studying Visual Communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Cap.4, p.108-133, 1981.